



Darcy Ribeiro e o projeto da Universidade de Brasília: uma práxis em processo

Darcy Ribeiro and the project at the University of Brasília: a praxis in process

Juliana Regina Avelar da Nóbrega

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0075-6150>
Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília,
Brasília, Brasil, juliananobrega@unb.br

Jordi Garcia Farrero

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9669-0485>
Universidade de Barcelona, Barcelona, Espanha,
jgarciaf@ub.edu

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4701-2872>
Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília,
Brasília, Brasil, luciahelenaczp@gmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2021v4n0ID26041

Citation: Nóbrega, J. R. Avelar da.; Farrero, J. G. & Pulino, L. H. C. Z. (2021). Darcy Ribeiro e o projeto da Universidade de Brasília: uma práxis em processo. *History of Education in Latin America - HistELA*, 4, e26041.

Competing interests: The authors have declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Morais de Medeiros Neta

Received: 21/07/2021

Approved: 30/07/2021

OPEN ACCESS

Resumo

O artigo trata de uma das personalidades mais fortes do Brasil quando o assunto é educação, o professor Darcy Ribeiro. Foi responsável por inúmeras propostas e *fazimentos*, como costumava dizer, em relação à educação brasileira, entre eles a Universidade de Brasília (UnB), sobre a qual trata este artigo. A UnB serviu de inspiração para vários dos projetos e trabalhos desenvolvidos por seu criador. Abordando parte de sua trajetória pessoal e profissional, questionamos: afinal, quem foi Darcy Ribeiro? O artigo traz contextualizações históricas ocorridas no período de desenvolvimento de seus trabalhos. Por último, abordamos a trajetória histórica da UnB até os dias de hoje e tecemos reflexões a partir de análises do autor sobre universidade em sua ampla experiência e prática no tema, que poderão contribuir para novas reflexões e propostas à construção de concepções de universidade na atualidade.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro. História das Universidades. Brasil. Universidade de Brasília.

Abstract

The article deals with one of the strongest personalities in Brazil when it comes to education, Professor Darcy Ribeiro. He was responsible for numerous proposals and achievements, as he used to say, in relation to Brazilian education, including the University of Brasília (UnB), which this article deals with. UnB served as inspiration for several of the projects and works developed by its creator. Addressing part of his personal and professional trajectory, we ask: after all, who was Darcy Ribeiro? The article brings some historical contextualization that occurred in the period of development of his works. Finally, we address the historical trajectory of UnB to this day and make reflections based on the author's analysis of the university in his broad experience and practice on the subject, which may contribute to new reflections and proposals for the construction of university concepts nowadays.

Keywords: Darcy Ribeiro. History of Universities. Brazil. Universidade de Brasília.

Introdução

É bem sabido que 1968 foi um ano muito convulsivo a nível universitário. Sem ir muito longe, a cidade de Paris viveu uma das mais importantes mobilizações estudantis da história. Embora a maioria das demandas políticas desta revolta estudantil não se concretizassem e, além disso, o resultado das eleições realizadas poucos dias depois ajudou a construir uma tendência claramente conservadora que foi posteriormente confirmada com os governos de Margaret Thatcher (1979-1990) ou Ronald Reagan (1981-1989), não há dúvida de que este evento marcou um ponto de viragem na luta pelas liberdades individuais, o surgimento da juventude como categoria social de primeira ordem e, ao mesmo tempo, a libertação do corpo. Ou, dito de outra forma: houve três crises que sofreram, a saber, uma crise cultural (surgimento de novas vanguardas), uma geracional e depois aquela que afeta diretamente a ideia da universidade como instituição de ensino.

Ainda que o Brasil já se encontrava no período da ditadura militar (1964-1985), é claro que também foi influenciada por aquele movimento estudantil de Paris e de outras cidades do mundo. É muito revelador, por exemplo, que a Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira foi construída fora de São Paulo com o propósito de controlar e distanciar a dissidência dos centros urbanos. Não podemos falar a mesma coisa da trajetória de Darcy Ribeiro (1922-1997) e de uma de suas grandes obras, a Universidade de Brasília (UnB) porque foi favorecida por anos de plena efervescência política, social e cultural neste país tropical. A este sentido, as professoras Schwarz e Starling (2016) destacam que, entre outros aspectos, durante a Quarta República (1945-1964) surgiu o projeto de desenvolvimento do Presidente Juscelino Kubitschek com a construção de Brasília como a nova capital deste país sul-americano (1960), o programa do Cinema Novo (Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, Nelson Pereira dos Santos), a I Bienal Internacional de Arte de São Paulo, o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), ou o movimento Bossa Nova (Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra) que é possivelmente «a primeira grande conquista de novos territórios por jazz» (Hobsbawm, 2018, p. 51).

Partindo dessa contextualização, que pode ser resumida como uma etapa política cheia de otimismo e esperança que parecia que o lema de sua bandeira era mais possível do que nunca, na sequência, apresentaremos um breve relato da universidade hoje em comparação com o que foi proposto em seu projeto original e, também, trataremos algumas possibilidades e perspectivas para a mesma.

Trajetória profissional de Darcy Ribeiro e encontro com a educação

Darcy Ribeiro nascido em Montes Claros, cidade localizada no norte do Estado de Minas Gerais, situada em uma região pobre, predominantemente rural e com predomínio da pecuária, foi um escritor, antropólogo e político brasileiro que contribuiu para importantes ações no que diz respeito à educação brasileira. Também foi responsável pela criação de importantes instituições no país, como o Parque Indígena do Xingu, a UnB e o Memorial da América Latina. Formado em 1946 com especialização em antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais de São Paulo (FESP), se dedicou ao estudo da população indígena do país em seus primeiros anos de formado, o que o levou a fundar o Museu do Índio e o Parque Indígena do Xingu (Fundação Darcy Ribeiro, 2019). Ribeiro fez parte de uma geração de intelectuais brasileiros que analisaram, discutiram criticamente propuseram alternativas para construção de nação soberana e autônoma e a superação de problemas históricos da nação brasileira, como Paulo Freire, Celso Furtado e Florestan Fernandes.

Entendemos que falar da relação de Darcy Ribeiro com a educação é falar de sua trajetória pessoal e profissional e das escolhas realizadas em seu percurso de vida. Darcy, perdeu o pai, o qual era farmacêutico, aos três anos de idade e passou a morar na casa dos avós maternos com sua mãe que era professora de escola primária. Realizou os primeiros anos de estudo em sua cidade natal, e depois mudou-se para Belo Horizonte, a capital de seu Estado, para cursar Medicina. Abandona essa tradicional faculdade após três anos de cursada para se entregar ao que realmente gostava e despertava seu interesse, as Ciências Sociais. Fez parte do novo curso em Minas Gerais e depois é convidado por Donald Pierson para a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, quando teve a oportunidade de conhecer e estar em contato com fortes personalidades da área, como Herbert Baldus, Radcliffe-Brown, Emilio Willems e Lévi-Strauss (Grupioni & Grupioni, 1997), um ambiente em que o autor acredita ter impulsionado seu trajeto profissional, que trouxe diversas possibilidades a ele.

O autor conquista seu primeiro emprego no Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e no período compreendido entre 1946 e 1949 se dedica ao estudo de algumas comunidades indígenas no Brasil, especialmente os Kadiwéu no Pantanal e os Tupinambá no Maranhão (Grupioni & Grupioni, 1997). Enquanto antropólogo, sua imersão junto a diferentes comunidades indígenas brasileiras e suas descobertas despertam no autor a necessidade de se buscar compreender mais sobre a sociedade brasileira e o lugar do povo originário naquele momento histórico e social (Grupioni & Grupioni, 1997). O autor que a princípio foi com o intuito de realizar uma etnografia, se interessa em compreender o índio a partir da violência sofrida pela interação com os brancos,

seja em sua aculturação, seja em sua interação com o novo mundo, saindo como um defensor da causa indígena, e ficando assim internacionalmente conhecido. Esse seu novo olhar sobre a comunidade indígena o levou a pensar de maneira mais abrangente, como outros autores e o próprio Anísio Teixeira (1900-1971) já o haviam sugerido, o que faz emergir o educador Darcy Ribeiro, preocupado com as questões de nosso país. Aquelas vivências foram muito importantes no que diz respeito à inserção de Darcy na educação e na vida política. Deram o sentido necessário para que ele se engajasse e se desenvolvesse nessas outras “peles” (Ribeiro, 1995/2016, p. 3780).

Ribeiro (1979) nos chama a atenção para a riqueza do nosso país e para a esperteza da nossa classe dominante em distorcer e encobrir a realidade para, com isso, se abastecer livremente dessa riqueza. Aponta o nosso país como o último a abolir a escravidão, e que, quando o fez, foi apenas com o propósito de uma recolonização com o processo de industrialização, através das multinacionais, em que a classe dominante passa de representante colonial para representante gerencial. Ribeiro, ainda, mostra como a apropriação da terra por nossos colonizadores e a educação de base comunitária e religiosa trazida por eles foram responsáveis por nosso atraso enquanto nação.

O autor traz em seus livros duras críticas ao processo de colonização do Brasil, ressaltando a dizimação de parcela da população e a exploração impensada da terra, além da deculturação sofrida em prol de uma classe dominante pequena e gananciosa. O processo de colonização teve por objetivo vincular os novos núcleos à sociedade em expansão como parte do seu sistema produtivo e como difusão de sua tradição cultural por meio de agentes de dominação. Segundo Darcy, os lusitanos foram brutais engajados no processo de fazer *neoeuropeus genéricos*, mais homogêneos que eles mesmos. Mostra claramente como não era de interesse destes formar intelectuais no Brasil, mas sim, favorecer os seus, criando cargos para cada membro da família ali inserida para que tivessem riqueza e poder. Aos seus herdeiros davam uma educação europeia, em que estes se deslocavam à Coimbra em Portugal para tanto. Não viam a necessidade de se investir em educação e na formação de um povo que estava ali unicamente para servi-los.

Quando da abertura de cursos superiores, na década anterior à independência do país, esses eram pensados como profissionalizantes para formar mão de obra para cuidar da riqueza da classe dominante. Os primeiros cursos e faculdades foram voltados apenas para a formação de mão de obra e não de intelectuais. Os cursos ofertados inicialmente foram 5, dois de Direito (Recife e São Paulo), dois de Medicina (Bahia e Rio de Janeiro) e uma Politécnica no Rio de Janeiro (Ribeiro, 1969, p. 78). Formaram-se assim as cátedras, que conduzidas por um professor, se perpetuavam no mesmo núcleo de liderança por pessoas de confiança do próprio, o que impactava na

oxigenação e na inovação das universidades, tornando-as instituições pobres, enfraquecidas e retrógradas. Essa maneira de estruturação da educação superior, levava à hostilidade entre as faculdades, não havia solidariedade. A educação superior era formada por escolas superiores autárquicas, que não queriam se aglutinar em universidades. A primeira universidade no Brasil, segundo o autor, surge por um motivo fútil em 1922: fornece um título de professor honoris causa ao Rei da Bélgica, que estava em visita pelo país, o que dependeria de uma instituição universitária para fazê-lo.

Constringida por sua compartimentação, a universidade latino-americana é condenada a operar sempre no terceiro nível, formando profissionais, sem chegar a operar no quarto nível, correspondente à pós-graduação e à preparação de seus próprios quadros de docente e de pesquisa (Ribeiro, 1969, p. 102).

Segundo Darcy (2010a), na América Latina (que o autor acreditava ser uma unidade a contrastar significativamente aos anglo-americanos no que diz respeito a aspectos culturais e socioeconômicos, inspirado nas definições de Simon Bolívar e na *Nuestra América* de Martí e Pátria Grande de Artigas) a universidade surge inspirada no modelo universitário francês, que era *um complexo de escolas autárquicas*, mas não o cópia em sua totalidade, pois não consegue trazer o caráter unificador cultural para integração na civilização industrial. Ao contrário, herda “a posição antiuniversitária fomentadora de escolas autárquicas, o profissionalismo, a erradicação da teologia e a introdução do culto positivista em relação às novas instituições jurídicas que regulavam o regime capitalista e seus corpos de auto-justificação” (Ribeiro, 1969, pp. 87-88). O autor critica o isolamento universitário, que parte tanto dessa característica de se fechar em cátedras com fins meramente profissionalizantes quanto da própria postura da comunidade universitária, professores, estudantes, em que não existe troca nem um comportamento solidário. Esta é uma estrutura que teme a qualquer mudança que ameace os privilégios instalados e que pense em prol do progresso de um país e da América Latina “Esta estrutura federativa, profissionalizada, rígida, autárquica, elitista, estancada, duplicativa, autocrática e burocrática tem como atributos funcionais sua extrema rigidez, sua tendência ao enquistamento e disfuncionalidade” (Ribeiro, 1996, pp. 93-95).

Como um país dotado de uma cultura não hegemônica, havia segundo o autor uma oscilação intelectual e existencial como pano de fundo, em que a idealização do outro criava um forte componente de submissão, trazendo para a nossa classe intelectual o lugar de discípulo aplicado, fortalecendo a hegemonia econômica e política externas. Apesar disso, Darcy nutria uma grande esperança na mudança de tal realidade pois via um diferencial nos brasileiros, pela resistência de seu povo ao sofrimento e pela criatividade proveniente da fusão das culturas. Para Ribeiro, os brasileiros podem ser denominados como *povo síntese*: “Foi desindianizando o índio, desafricanizando o negro,

deseuropeizando o europeu e fundindo suas heranças culturais que nós fizemos” (Ribeiro, 1995/2016, p.161).

Somos um rebento, mutante, ultramarino, da Civilização Ocidental Europeia, na sua versão ibero-americana... culturalmente plasmada pela fusão do saber e das emoções de nossas três matrizes; iluminada pela experiência milenar dos índios para a vida no trópico; espiritualizada pelo senso musical e pela religiosidade do negro. Deste caldeamento carnal e espiritual surgimos nós, os brasileiros (Ribeiro, 1995/2016, p. 132 e 134; 147 e 150).

Darcy entendia o brasileiro como um povo marcado pelo massacre sofrido, pelo desgaste humano, e, por isso, com *vocação mais humana*, solidária. Caracterizado por sua alegria, e por sua aspiração à fartura, herdeiros de uma terra rica e imensa e bela.

Em 1957, com o convite de Anísio Teixeira para ocupar a direção da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (INEP), “Darcy passava a aplicar as ciências sociais à educação e convertia-se à pele de educador, em que se manteve até o fim da sua vida” (Gomes, 2010). Daí surge a fundação da Pós-graduação em antropologia como um marco importante para os novos rumos que o autor daria à sua carreira. O encontro com Anísio Teixeira, o qual para o autor era considerado um mestre, reforça a sua permanência na prática enquanto educador e sua dedicação à educação brasileira.

No governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), considerado o pai do modernismo brasileiro, e seu conterrâneo, assumiu junto com Anísio Teixeira (responsável também pelo Plano educacional de Brasília) a incumbência de fundar uma universidade na nova capital. Ribeiro (1969) viu na oportunidade de criação de uma nova universidade a esperança de dar ao país um desenvolvimento pleno, nacional e regionalmente. É muito interessante perceber o desenvolvimento pessoal e profissional do autor e a sua autenticidade. Darcy sempre se recusou a reforçar o que já estava dito, ao pronto e tido como única verdade e caminho a ser seguido, sempre buscando um quê de originalidade em sua escrita e em seus discursos. Sua coragem em desbravar novos territórios, em ouvir e rebater críticas, sua natureza constantemente desafiadora fez dele esse incrível autor, que nos intriga e nos desafia em busca de melhorias para as nossas vidas e nosso país. Tinha uma compreensão bastante elevada de seu caráter e funções públicas, e se dedicou incansavelmente à luta por seus ideais e por um Brasil melhor.

Darcy não media as palavras, era um escritor que falava tudo o que pensava, num diálogo espontâneo com seu leitor, inclusive trazendo aspectos pessoais, incertezas, dúvidas e até mesmo incoerências em algumas ações. Trazia uma forte espontaneidade em sua escrita, que nos dias atuais não é comum, e poderia até ser malvisto ou acarretar problemas de ordem ética ao

autor. Darcy Ribeiro foi um estudante inquieto, que aproveitou bastante da estrutura ofertada pelas instituições de ensino superior pelas quais passou. Não se contentou em permanecer apenas no círculo de seu primeiro curso, a Medicina, buscou por outros contatos, outras áreas de conhecimento para se satisfazer intelectualmente. Disso derivou sua escolha profissional e as oportunidades que surgiram em sua vida. Ele reconhecia tudo isso, e suas experiências de vida se transformaram em defesas de uma causa, a educação. Se tornou um importante autor para o cenário da educação superior brasileira, pensando-a de maneira a garantir sua identidade e autonomia, voltada para pensar o Brasil como problema. Iremos abordar nesse artigo, uma parte importante da história desse grande intelectual brasileiro, os seus *fazimentos* no que diz respeito à universidade brasileira. Por seu olhar crítico sobre essa instituição desconstrói sua ideia tradicional e elitista e aponta para novos rumos em busca de uma universidade que trabalhe para o povo, para o país, de maneira inovadora, transformadora e socialmente responsável.

A grande obra de Darcy: Universidade de Brasília

A UnB, situada em Brasília, Distrito Federal – cidade projetada por Lúcio Costa (1902-1998) para ser a capital do Brasil, localizada no centro do país, com a missão de ser o núcleo das decisões nacionais e também difusora da cultura nacional para toda a sociedade brasileira – foi fundada em 21 de abril de 1962. A decisão pela transferência da capital e o local e o nome escolhidos datam ainda da fase imperial do Brasil. À época, pensou-se na questão da vulnerabilidade das cidades litorâneas aos ataques de possíveis invasores de outros países, e depois, somado a isso, considerou-se a questão da insalubridade da antiga capital do Rio de Janeiro, com o crescente número de óbitos devido a doenças tropicais, como a febre amarela. Somente no governo do então presidente Juscelino Kubitschek, a transferência veio a se concretizar, com uma visão desenvolvimentista, voltada para o crescimento econômico do país.

A localização central de Brasília facilitaria a descentralização política e administrativa e a integração nacional, posto que essa condição geográfica permitiria o contato com todas as capitais em duas ou no máximo três horas de voo (Plano Orientador da Universidade de Brasília, 1962). A UnB surge junto com a nova capital. Como a cidade na qual ela está localizada, a UnB nasce para ser centro, universidade modelo para as demais localizadas no país.

É claro que é difícil entender a Universidade de Brasília sem levar em conta a história e o planejamento da capital do Brasil e, menos ainda, o contexto daqueles anos em que havia vontade de construir um novo país, ou seja, mais democrático e moderno, como já dissemos nas linhas acima. Em todo caso, é preciso lembrar que a cidade de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960, foi construída em uma parte do Cerrado tropical completamente despovoado. Antes

e depois da chegada dos portugueses. No entanto, o presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976), com o lema *50 anos em 5* que reflete seu zelo reformista, promoveu um concurso para planejar a nova capital levando em conta a modernidade, o progresso e, ao mesmo tempo, o desequilíbrio territorial porque o poder político, econômica e cultural sempre esteve concentrado no Sul e no litoral do país latino-americano deixando órfão o interior do país. E, desta forma, continua até hoje.

Seja qual for o caso, Lucio Costa (1902-1998) foi finalmente o responsável pela urbanização de Brasília e Oscar Niemeyer (1907-2012), um de seus mais brilhantes alunos da Escola Nacional de Belas Artes que mais tarde também recebeu o mestrado de Le Corbusier (1887-1965), ficou encarregado da construção da maioria dos edifícios, como a catedral. Seguindo o desenho de um avião já que o engenheiro brasileiro Alberto Santos-Dumont (1873-1932) é considerado um dos pioneiros da aviação, ou, segundo outras versões também bem conhecidas, uma borboleta, o urbanista brasileiro concebeu uma cidade monumental dividida em dois eixos que se cruzam em ângulo reto. O objetivo era separar a área residencial (ala sul e ala norte) dos edifícios governamentais (eixo central). É, portanto, uma cidade sem esquinas que oferece uma sensação de amplitude muito generosa aos seus cidadãos. Além disso, é importante destacar que as unidades residenciais são todas idênticas (as chamadas superquadras) e ainda ali residem, de acordo com as grandes desigualdades sociais do país, funcionários, burocratas ou diretamente deputados e senadores. Entretanto, o resto da população vive nas cidades satélites que foram construídas. Não era a ideia inicial, mas Brasília também se tornou um reflexo da realidade da maioria do país, pois não conseguiram combater as desigualdades sociais ou o empobrecimento cultural da maioria da população.

Bem, na parte leste de uma das áreas residenciais de Brasília, ou seja, na ala norte do plano piloto encontramos sua universidade que foi fundada em 1962. Ela ocupa todo o eixo que são, exatamente, quinze fileiras de *superquadras*, ou seja, com cerca de 8 quilômetros de extensão que chegam a ter cerca de seis mil hectares de terra. O arquiteto Niemeyer elaborou, como já havia feito com o projeto dos prédios da cidade que comentamos anteriormente, uma proposta que se caracterizou por sua beleza, leveza, variedade e, principalmente, criadora de surpresas. Boa prova disso é o Instituto Central de Ciências (ICC) ou popularmente conhecido por *Minhocão*, onde ele foi capaz de conceber um espaço único que se enquadra perfeitamente na proposta formativa que vamos abordar a seguir. É, portanto, um prédio de 720 metros no qual todas as disciplinas estão localizadas e ocupa a parte central do campus sem traçar, porém, uma linha reta. É sem dúvida o principal símbolo desta universidade. De fato, as seguintes palavras do arquiteto brasileiro indicam o principal sentido arquitetônico deste edifício acadêmico:

Não é o ângulo reto que me atrai / nem a reta, dura, inflexível, / criada pela casa. / O que me atrai é a curva livre e sensual / a curva que encontro nas montanhas / do meu país, / no curso sinuoso dos seus rios / nas ondas do mar, / no corpo da mulher preferida / das curvas é feito o universo inteiro, / o universo curvo de Einstein (Niemeyer, 1999, p. 11).

No site da Universidade de Brasília encontramos a seguinte definição «A construção do campus brotou do cruzamento de mentes geniais. O inquieto antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico. O arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios» (Universidade de Brasília, 2019). No início dos anos 60, Darcy se torna o primeiro reitor da recém-criada UnB. Surge, pois, como um projeto de universidade necessária para o país naquele momento, “uma universidade-semente, capaz de gerar um desenvolvimento que o país não tem” (Ribeiro, 2018, p. 183) que fosse modelo nacional para as demais universidades e que trabalhasse para o Brasil, trazendo novas perspectivas e o mais avançado em ciência e tecnologia.

A ousada ideia da UnB, segundo o autor, veio da comunidade científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC e das várias reuniões que realizaram, também no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no antigo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e no novo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) de Anísio Teixeira, no intuito de se repensar a instituição universidade desde a sua raiz, numa tentativa de se afastar de qualquer modelo tradicional estabelecido anteriormente (Ribeiro, 2018).

Já naquela época, no Plano Orientador desta universidade (1962), escrito pelo seu Conselho Diretor que incluía nomes como os de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, encontramos uma preocupação com a concorrência mundial e com a necessidade de se formar um corpo técnico qualificado para atender às necessidades do país, de forma a não haver necessidade de se *importar conhecimento*. Já se falava em cursos tecnólogos e da reforma do ensino superior nesse sentido, para “anular a distância que nos separa dos países tecnologicamente desenvolvidos. Nele, ainda, encontramos as seguintes expectativas para a UnB:

Planejada à luz destas preocupações, a Universidade de Brasília será estruturada de modo a tornar-se capaz de:

- (a) formar cidadãos responsáveis, empenhados na procura de soluções democráticas para os problemas com que se defronta o povo brasileiro na luta pelo desenvolvimento;
- (b) preparar especialistas altamente qualificados em todos os ramos do saber, capazes de promover o progresso social pela aplicação dos recursos da técnica e da ciência.
- (c) reunir e formar cientistas, pesquisadores e artistas e lhes assegurar os necessários meios materiais e as indispensáveis condições de autonomia e de liberdade para se devotarem à ampliação do conhecimento e à sua aplicação a serviço do homem (Plano Orientador da Universidade de Brasília, 1962, sem paginação)

Seu plano orientador é muito bem detalhado e revolucionário para a época. Um projeto de criação de uma nova universidade independente e que fosse modelo para as universidades tradicionais que aqui existiam. Ressaltamos os objetivos voltados para a melhoria do país, tomando-o como “problema” e também para o conhecimento a serviço do homem. Porém, algumas questões reforçavam o modelo econômico vigente como um desenvolvimento espelhado no outro e também a formação de *especialistas* e aplicação e domínio de uma ciência e técnica já estabelecidas e não a serem criadas. Darcy, no entanto, trazia em suas ideias a necessidade de encontros entre as áreas de formação, de modo a ser gerado um centro nacional de criatividade científica e cultural.

Assim como vimos a tentativa do regime franquista de desconstruir a ideia de criação da Universidade de Barcelona e afastá-la do centro para que se pudesse controlar os movimentos estudantis, vemos a mesma preocupação na execução do projeto da UnB. A oposição da elite conservadora representada, entre outros, por Israel Pinheiro era evidente, assim como explicita Darcy Ribeiro (1978):

Mais trabalhosa, foi a posição franca e desabrida de *Israel Pinheiro*, o grande condutor da edificação da nova capital, que dizia a quem quisesse ouvir que, a seu juízo, era preciso afastar a qualquer custo de Brasília duas ameaças terríveis: as manifestações estudantis e as greves operárias que poriam a perder todo o esforço de interiorização da capital (Ribeiro, 1978, p. 22).

Além disso, após o apoio de Juscelino Kubitschek por decreto para a criação da Universidade de Brasília, Israel Pinheiro ainda fez um esforço no sentido de exilar a universidade, destinando a ela um terreno que ficava a 6 km do centro da capital.

Muitos foram os desafios para a criação da universidade na capital federal, mas, pode-se dizer que a UnB foi o projeto mais ambicioso dos intelectuais brasileiros que conseguiu se materializar, ao menos parcialmente, ao longo da história deste país. A questão é que se pretendia construir um sistema universitário porque, segundo as teses de Darcy Ribeiro, ainda não existia no Brasil uma verdadeira tradição universitária. Durante o primeiro terço do século XX, havia apenas algumas escolas independentes dirigidas por professores independentes que, após vencerem um concurso vitalício, não tinham obrigação de estudar e se atualizar. Não havia liberdade de ensino porque a legislação correspondente era a que estabelecia todo o currículo. De cima para baixo. De fato, era comum multiplicar os estudos porque eles tinham apenas uma única missão: preparar profissionalmente os alunos do ensino médio.

Assim, não é surpresa que a UnB deve ser vista como uma oportunidade de atualizar a agenda científica e cultural do país continental, aproveitando a conjuntura política da época que não podemos perder. Talvez devamos ter em mente algumas experiências anteriores (Universidade do Distrito Federal ou

Universidade de São Paulo) e, ao mesmo tempo, que sua construção não gerou unanimidade no início. Neste sentido, reproduzimos aqui as palavras de Anísio Teixeira que é um dos mais importantes pedagogos do Brasil: “Não fui um iniciante entusiasta de uma universidade de Brasília. Ao contrário da ideia de Metr pole, nunca achei que a Capital de uma República tivesse necessariamente uma universidade. Brasília deveria ser apenas a sede do governo. Porém, vi, transformado em lei, durante o ano passado, o projeto de cria o de nada menos que 11 universidades. Diante disso, logo percebi que, cada vez menos dias, Brasília teria os seus: então aderir à ideia de Darcy Ribeiro e, não são à ideia, ao plano de Darcy Ribeiro. Esse plano é uma corre o exata dos defeitos mais graves sofridos pelas universidades brasileiras em sua mistura de anacrismo e deformidades cong nitas” (Teixeira, citado de Ribeiro, 1995, p. 27).

Consequentemente, é evidente que Teixeira acabou sendo um dos principais autores intelectuais da referida universidade através da dire o do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e, posteriormente, como reitor, confirmando diretamente o seu compromisso com esta universidade. Assim, não nos surpreende que a UnB tenha nascido como funda o (Lei não 3.998, de 15 de dezembro de 1961) porque atendeu a uma das reivindica es da Universidade do Distrito Federal como é o caso da universidade aut noma. Recorde-se que Teixeira também foi quem dirigiu esta universidade. Diante disso, essa decisão possibilitou não depender do Conselho Federal de Educa o e das políticas do ministério e, além disso, conseguiu-se que os professores tivessem liberdade de ensino. Assim, foi garantido que em nenhum caso o pessoal acad mico poderia ser punido por suas crenças políticas ou religiosas, como era a norma no Brasil durante aqueles anos.

Deve-se notar que a estrutura da Universidade de Brasília era composta por três unidades: Instituto Central de Ciências (Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Artes e Artes), as Faculdades (Ciências Políticas e Sociais, Educa o, Ciências Médicas, Ciências Agrárias, Tecnologia e Arquitetura) e Unidades Complementares (Biblioteca Central, Editora Universitária, Museu, Grande Salão, Centro Militar, Est dio Universitário, Casas Nacionais de Língua e Cultura, Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, Centro de Estudos do Português Brasileiro e Instituto de Teologia Católica). Levando em conta esta abordagem, vale a pena fazer dois comentários a fim de destacar sua inova o acadêmica. Em primeiro lugar, mostramos que o Instituto Central de Ciências ministrava todos os níveis de forma o universitária e, no que se refere às respectivas faculdades, apenas cursos profissionalizantes após a conclusão de alguns estudos introdutórios que eram ministrados na primeira unidade. Depois, destacamos que este sistema universitário substituiu os professores por departamentos com o objetivo de organizar a carreira docente e construir uma estrutura mais democrática. Ou seja: do conselho departamental

à direção da universidade, passando pelos coordenadores gerais dos Institutos Centrais, das entidades culturais e das faculdades.

Certamente, a Universidade de Brasília, assim como a bossa nova na música, foi uma tentativa de conectar o Brasil com a vanguarda do mundo exterior sem perder de vista suas próprias raízes, especialmente aquelas que se originaram antes da colonização portuguesa. Nesse sentido, é certo que se notou o compromisso com os povos indígenas que Darcy Ribeiro sempre defendeu da antropologia. Ao mesmo tempo, deve-se notar que sua fundação se deu sob o pretexto do positivismo (ideia de progresso da ciência) e, é claro, do marxismo, porque a Revolução de Outubro de 1917 tornou-se um farol para a maioria dos intelectuais. Não devemos esquecer que sempre se falou de uma universidade pública com consciência crítica no contexto de um clima fraterno. Em qualquer caso, estamos tratando de um estabelecimento educacional cuja missão era “ajudar o Brasil a formular seu próprio projeto: a nação de seu povo, ordenada e governada por sua vontade soberana, como uma estrutura dentro da qual deve viver e trabalhar para si mesma” (Ribeiro, 1986, p. 41).

Infelizmente, porém, esta experiência de ensino superior não teve tempo de se consolidar porque a vontade de construir um país em que a educação e a cultura deviam ser o pilar de tudo foi interrompida de forma abrupta. Darcy Ribeiro disse com estas palavras muito precisas, após retornar ao Brasil do exílio:

A UnB é uma utopia vetada, é uma ambição proibida, por enquanto, de se exercitar. Mas permanece, esperançosamente, como nossa utopia concreta, pronta para retomar a se repensar e se refazer, para que recuperemos a liberdade de definir nosso projeto como povo e universidade que deve servi-lo (Ribeiro, 1978, p. 41).

De fato, a ideia do que é uma *universidade interrompida* (Salmeron, 1999) também está muito clara em todas as obras que foram planejadas, como podemos ler no documento de fundação intitulado *Plano Orientador da Universidade de Brasília* (1962) e que ele ainda não foi realizado na íntegra.

A UnB, segundo informações de seu próprio site (Universidade de Brasília, 2019), foi alvo de ataques intensos do Regime Militar compreendido entre o período de 1964 e 1985 no Brasil, e teve sua estrutura invadida e sua reitoria desfeita em uma primeira invasão, em 1964. A universidade ainda sofreu outras intervenções pelos militares, em que estudantes e professores foram presos e perseguidos. A perseguição e forte pressão sofridas levou a um pedido de demissão em massa por parte dos docentes em 1965 (223 dos 305 professores que haviam na instituição solicitaram demissão). Em 1968 a universidade teve a sua invasão mais violenta - com cerca de 500 pessoas detidas, 60 presas e um estudante baleado pelos militares - período do famoso Ato Institucional Número 5 (AI-5), o mais duro golpe contra a democracia, que concedeu plenos poderes ao regime militar e suspendeu as atividades do

Congresso Nacional e das Assembléias Legislativas, estabelecendo forte censura, perseguição e tortura contra os dissidentes do regime. O clima de forte divergência entre a comunidade acadêmica e os representantes escolhidos pelo governo para a reitoria da UnB, além da forte repressão sofrida pela comunidade acadêmica, culminou, em 1977 numa greve de professores e estudantes, conflito este levado para o Senado Federal para ser resolvido. Somente após 21 anos, com a queda do Regime Militar, as eleições presidenciais indiretas com a vitória da chapa Tancredo-Sarney e a eleição para reitor na Universidade, com a posse de Cristovam Buarque à reitoria em 1985, que temos o resgate da democracia na universidade e um clima mais propício para os estudos e desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos.

De qualquer forma, é claro que os militares tomaram o poder por meio de um golpe (1964) e, dessa forma, a democracia brasileira e seus avanços na educação foram completamente barrados. Vale lembrar que o apoio dos Estados Unidos foi fundamental porque não podemos esquecer que a política internacional daqueles anos foi governada pelos ditames da Guerra Fria. Assim como professores e professores comprometidos com os valores republicanos foram forçados ao exílio há apenas 80 anos em nosso país, Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer e tantos outros também fugiram para outras terras para não serem vítimas da repressão do regime. Como apresentado no documentário *Barra 68: sem perder a ternura* de Vladimir Carvalho (1999-2000), sem mestres à altura de seus objetivos, com o fechamento de cursos, prisões e perseguições, a Universidade de Brasília mergulhou em profunda crise entre os anos de 1965 e 1968.

Após a saída dos professores, os estudantes da UnB reagiram e se organizaram, resistindo, cientes de todo o processo de dependência política, econômica e intelectual, em que o Brasil estava cada vez mais atrelado aos interesses do capital estrangeiro que subvencionava a chamada “segurança nacional” representada/disfarçada pela ditadura que se instalou no país. As invasões à universidade, ainda segundo consta no documentário, provocaram uma série de reações da sociedade brasiliense, que tinha a universidade como vital, e também tinha conhecidos ou membros da família que ali estudavam. O relato da mãe de Honestino Guimarães (líder estudantil desaparecido e provavelmente morto em 1973 pelo Departamento de Ordem Política e Social-DOPS), do que teria sido seu último diálogo com o filho, em que trataram sobre a possibilidade de um exílio, representa bem o medo em que viviam pela repressão do regime militar e o espírito libertário, nacionalista e de luta da juventude naquela época: “Mãe, lá fora eu me sinto mais morto do que se eu morrer aqui. Se eu morrer aqui, eu estou morrendo pelo meu ideal, pelo meu país. Eu amo o meu país! E se nós todos formos embora, quem vai ficar para essa luta?” (Maria Rosa L. Monteiro, mãe de Honestino Guimarães, em Barra 68, 1999-2000).

Darcy tinha grandes sonhos para a UnB, carinhosamente apelidada por ele de sua filha caçula, mas pouco tempo passou em sua liderança, deixando-a para se tornar Ministro da Educação e Cultura no então governo de João Goulart. Em 1963 assume a Casa Civil, porém, com o golpe militar de 1964, e seus direitos políticos cassados, Darcy é obrigado a se retirar do país, conseguindo se exilar no Uruguai.

Darcy, o exílio e o retorno ao Brasil

Para o autor, a experiência do exílio foi algo ruim, mas que conseguiu suportar e levar bem nos primeiros anos, buscando se desenvolver intelectualmente e profissionalmente. Recém-chegado no Uruguai, foi convidado pelo reitor da Universidade de La Republica, Mario Cassinone, a ocupar o cargo de professor titular de antropologia e a presidir o seminário de reformas desta universidade. Realizou o seminário pensando a partir do Projeto da UnB e de sua aproximação e/ou distância com outras universidades. Desses seminários, organizou seu livro, *A Universidade Necessária* (Ribeiro, 1969), em que, segundo o autor, estão as suas ideias “geradas na invenção de Brasília, aprofundadas pelas meditações do exílio e pela experiência de reforma das universidades do Uruguai, da Venezuela e do Peru” (Ribeiro, 2010b, p.78). No período em que Darcy esteve exilado, a UnB passou por vários ataques, e assim o seu projeto de uma universidade que pensasse o Brasil em suas questões foi se tornando distante. Vários dos professores trazidos com suas famílias por Darcy, e que acreditavam e trabalhavam juntos a ele nesse sonho, tiveram que pedir demissão e recomeçar suas vidas.

No exílio, assessorou alguns presidentes na América Latina, como o presidente Salvador Allende do Chile e depois o presidente Velasco Alvarado do Peru, na reforma das universidades locais. Muitos autores reconhecem o período do exílio como fundamental para que Darcy se destacasse como intelectual brasileiro e como escritor. Seu trabalho girava em torno da seguinte pergunta, como o próprio Darcy menciona em *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, livro que escreveu em 30 anos e 40 dias e do qual se orgulhava muito “Por que o Brasil ainda não deu certo?” (Ribeiro, 1995/2014, p. 51). Assim, buscou desenvolver uma teoria geral do Brasil. Fazer um gênero humano novo, essa é a aventura brasileira, dizia ele.

Manteve suas relações políticas, inclusive com Leonel Brizola, à época ex-governador do Rio Grande do Sul e deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, o qual também esteve exilado no Uruguai. Com o passaporte uruguaio, buscou ganhar o mundo, realizou viagens em que conheceu outras universidades e personalidades importantes como Fidel Castro e Che Guevara.

Darcy em *Golpe e Exílio* (Ribeiro, 2010b) se diz envergonhado pelo governo João Goulart, do qual fez parte, não ter resistido ao golpe militar de

1964. Conta que quando esteve em Moscou: “as conversas políticas foram com quadro russos especializados em América Latina. Sabiam tudo de nós, de mim só queriam saber como conseguimos perder o poder, assunto que me vexa muito demais” (Ribeiro, 2010b, p. 91). Isso é algo que parece ter trazido muita angústia ao autor. Sobre a sua retirada do palácio, conta com pesar:

Aquela era a minha hora de chumbo. Hora que eu preferia estar morto a sofrê-la: a hora do derrotado. Não disse palavra. Lá fiquei mudo, me roendo. Nem pensar ordenadamente pensava. Só sentia uma dor surda que retesava meus músculos, estirava meus nervos e me deixava pronto para disparar. Para onde? Para nada! (Ribeiro, 2010b, p. 71).

Em 1976 retornou ao país, um homem amadurecido, experiente na área política e acadêmica, com domínio sobre o seu país. Passou a se dedicar à educação e à política, consciente do que queria realizar. Em 1982 foi eleito vice-governador pelo Estado do Rio de Janeiro ao lado de Leonel Brizola, com quem fundou o Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi secretário da Cultura e coordenador do Programa de Educação que implantou os famosos Centros de Educação Integral para Crianças e Adolescentes - CIEPs. Darcy defendeu incondicionalmente a necessidade de estruturas adequadas para os estudos bem como a necessidade de formação contínua para os educadores da educação básica.

Em 1985, posse de Cristóvam Buarque como reitor da Universidade de Brasília, Darcy faz discurso emocionado, refletindo e analisando o percurso da universidade, relembando todos os que fizeram parte da construção desse projeto e as dificuldades enfrentadas e vislumbrando os novos desafios que viriam pela frente.

Em 1991, foi eleito ao cargo de senador da república, enquanto no mesmo ano Brizola foi reeleito para governador do Estado do Rio de Janeiro. Darcy, então, opta por licenciar-se do Senado para dar continuidade ao projeto dos CIEPs, período em que também se dedica à fundação e construção da Universidade do Terceiro Milênio, a Universidade Federal do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UNF), com sede em Campos dos Goytacazes no Estado do Rio de Janeiro. Em 1993 veio a ocupar cadeira na Academia Brasileira de Letras, tornando-se um dos imortais. Pouco antes de sua morte em 1996, foi responsável pela relatoria da Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira, que tendo sofrido atualizações e modificações ao longo dos anos, é o principal documento que rege a educação no país atualmente.

A Universidade de Brasília hoje

A UnB nasceu de um lindo e rico projeto, para ser autônoma e modelo nacional, e passou por muitas lutas que fizeram dela um símbolo nacional de resistência em defesa da universidade pública e da democracia. Hoje se

encontra dependente economicamente do governo e submetida à sua legislação. A universidade cresceu em números, e hoje é constituída, segundo últimos dados estatísticos divulgados em seu site, por 153 cursos de graduação divididos aproximadamente em 27 unidades acadêmicas com uma média de 39.700 alunos. A Universidade de Brasília está entre as melhores do país em termos de qualidade. Através de sua estrutura física e de pessoal e dos trabalhos e pesquisas por ela realizados, se mantém-se em boa posição nos rankings nacionais e internacionais de universidades (Ranking Universitário Folha RUF- 9ª posição e Times Higher Education THE- a partir da posição 801). A UnB segue entre as universidades mais bem avaliadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) com nota 5, máxima no Índice Geral de Cursos (IGC) em 2016 e 2017 e com nota 4 em 2018.

Vale ressaltar o importante papel e lugar da UnB como precursora na implementação de políticas educacionais voltadas para a equidade do acesso ao ensino superior, para a melhoria da educação básica ofertada para populações do campo e para a desconstrução de uma cultura racista e preconceituosa em nosso país - convênio indígena aprovado pelo Conselho da universidade em 2003, política de cotas raciais também aprovado em 2003 e curso de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) com primeira turma iniciada em 2007, entre outras. A UnB vem sim, buscando assumir o seu papel de impulsionar ideias, de ser modelo nacional e exercer criatividade e compromisso sociais através de suas políticas educacionais, apesar das adversidades encontradas nesse sentido.

Já a sua estrutura física se encontra um pouco modificada, diferentemente do que foi idealizado por Darcy Ribeiro. Hoje, com a expansão da universidade e algumas questões ideológicas vigentes, o *Minhocão*, prédio que deveria proporcionar maior integração entre as áreas de estudo e a comunidade acadêmica, tem sido aos poucos dissolvido, com transferência de alguns cursos para unidades próprias sem comunicação com os demais. A universidade tem cada vez mais se fechado em departamentos e prédios de cada área, fugindo à ideia original trazida pelo autor Darcy Ribeiro (Ribeiro, 1969) de integração e diálogo entre as áreas de conhecimento. O tronco comum idealizado pelo autor para a formação inicial com viés em teorias da sociedade e cultura, além de problemas brasileiros, se perdeu em meio a tantos currículos e outras tantas necessidades.

No panorama nacional, como no início dos cursos superiores no país, as universidades atualmente enfrentam um forte clima de competitividade e de pouca colaboração entre elas. A necessidade de atendimento às demandas externas dos órgãos de controle deixa pouco espaço para se exercer a criatividade e projetos que não necessariamente representarão números aos olhos do governo. A universidade pública vem se sustentando com dificuldade,

em decorrência, principalmente de uma política de desinvestimento do governo em razão de uma suposta superioridade da iniciativa privada em termos de eficiência na gestão dos recursos, tendendo, assim, a beneficiá-la. Essa visão de mundo encontra-se presente no programa *Future-se*, proposto unilateralmente pelo governo federal sem que houvesse discussão com a comunidade acadêmica, “com o objetivo de dar maior autonomia financeira a universidades e institutos por meio do fomento à captação de recursos próprios e ao empreendedorismo” (Ministério da Educação, 2019). A insuficiência de investimentos na universidade pública favoreceu o crescimento do ensino superior privado, que tem o maior número de matrículas e de instituições de educação superior no país. Essa era uma preocupação de Darcy, que à época via o ensino superior se transformar em um comércio com tantas faculdades privadas e pagas, em sua maioria noturnas, “matéria de traficância lucrativa de forma de transmissão do saber” (Ribeiro, 2018, p. 2568). Por outro lado, via as universidades públicas ligadas a um rígido sistema de carreiras, que ofereciam regalias profissionais, operando como se devêssemos ter um currículo mínimo para toda e qualquer modalidade de trabalho que existisse ou que viesse a surgir, indispensáveis, segundo Darcy, à sociedade moderna. Apontou para a gravidade da situação do ensino superior no país, em que acreditava que “na maioria de nossas faculdades, o professor simula ensinar e o estudante faz de conta que aprende” (Ribeiro, 2018, p. 2561).

Não obstante, algumas ações características do período do regime militar vêm à tona, estando a universidade pública hoje no centro de polêmicas levantadas pelo atual governo, sendo alvo de fortes ataques, recebendo acusações de ser desordeira, sofrendo contingenciamento em suas verbas e intimidações em relação à liberdade de cátedra dos docentes. O governo atual, comandado por um militar reformado de extrema direita e constituído por neoliberais e conservadores, alinhado em sua política externa com países centrais, em especial os Estados Unidos, segue aparentemente em uma investida de caráter ideológico contra a universidade, a qual tem resistido e se defendido de cada uma das acusações recebidas. Enquanto a sociedade segue com opiniões divididas, as investidas governamentais são em prol da redução de alguns direitos sociais conquistados, com a justificativa de reequilibrar a economia do país e de manter a moral e os bons costumes.

Apesar disso, a UnB é uma universidade que tem em sua identidade a natureza de resistência e o dever de ser centro, de ser espelho, de ser propulsora de ideias, e isso continua vivo em cada espaço da mesma. Nesse sentido, precisamos refletir a respeito do difícil momento em que vivemos, e dos objetivos dados à educação e aos cursos.

A Universidade de Brasília- expectativas, perspectivas- o que poderá vir?

Ribeiro (1995/2014) sempre entusiasta e esperançoso com o povo brasileiro, acreditava que dos antigos colonizados, mestiços, do país tropical, ensolarado, poderia sair algo de novo, uma verdadeira revolução no que diz respeito aos ideais e visões de mundo. Mas isso tudo, dizia o autor, de uma luta boa e generosa, daqui e de agora, para criar a vida que pode ser e que vale a pena.

Via na universidade a responsabilidade de desanuviar o passado, resgatar as raízes históricas do povo brasileiro, possibilitando o entendimento de todo o processo que levou o Brasil a sua condição atual de país e desenvolvendo, assim, a consciência crítica em seu povo. E, também, reconhecer e fortalecer a cultura brasileira a partir desse resgate. Com isso realizado, poderia se pensar em possibilidades para o país, de maneira socialmente responsável, criativa e inventiva.

Via nos jovens, em suas posturas de indignação frente à dor e à miséria de seu povo, a esperança de uma geração mais solidária e humana. Trazia consigo uma verdadeira preocupação em relação à juventude brasileira, que percebia entorpecida, apática, despolitizada, o que acreditava ser fruto das investidas no período da ditadura militar, de medo, terror, ameaças e perseguições.

Entendemos a necessidade de se resgatar a UnB como centro, propulsora e mediadora de ideias, a partir do contato e da integração com outras universidades, inclusive na perspectiva trazida por Darcy de “Pátria Grande”, articulando as universidades latinoamericanas e potencializando, assim, seu caráter pluricultural. E, também, de repensar seus objetivos, ressignificando-os numa perspectiva mais humanizada e contextualizada com as questões de nosso país, numa postura contrária à lógica neoliberal, produtivista e meritocrática, que parece não refletir as necessidades da sociedade atual e nem contribuir para sua felicidade. Pensamos isso em nível local, nacional e mundial. Em cada um desses níveis existem importantes ações a serem feitas, de maneira a se repensar a educação, a se reforçar o compromisso social e a se buscar por uma vida mais feliz e saudável junto à população. Precisamos enquanto uma comunidade global redescobrir quem somos e o que queremos.

Como bem trazido por Ribeiro, “hoje se trata de refazer o humano, de desmontar e remontar o próprio homem, ator de tantas façanhas, para recarregar suas baterias emocionais gastas a fim de revivibilizar sua capacidade de atuação como agente da história” (Ribeiro, 1995/2016, pp. 577-579). Ao Brasil, rever suas bases, aprender a valorizá-las, para definir sua identidade e assim poder

colaborar para esse novo projeto de educação, e melhor, como nos trouxe Ribeiro, para um Novo Projeto de Existência Humana. Cabe à UnB favorecer esse processo e permanecer no centro das discussões sobre o conceito de universidade, fazendo jus ao legado trazido por um de seus idealizadores, o professor Darcy Ribeiro. Alguns importantes autores que se dedicam ao tema já estiveram na universidade, dos quais destacamos o professor Boaventura de Sousa Santos e a professora Marilena Chauí. Mas o que se mostra promissor é que a UnB, a partir de seus membros, possa começar um movimento democrático interno de discussão crítica. Dessa forma, inspirada nos seminários promovidos por seu idealizador Darcy, no Uruguai, a comunidade universitária poderia pensar a si mesma e ao país como *problema*, assumindo o papel de agente de mudanças que se mostrem necessárias e desejáveis. Nesse sentido, a UnB poderia convidar outras universidades nacionais e internacionais a participarem desses seminários de discussão, ampliando o campo de reflexões voltadas para a construção de propostas sobre universidade, numa perspectiva democrática, plural, diversa, inclusiva, que dialogue com questões contemporâneas.

Terminamos esse texto, com uma reflexão de Darcy Ribeiro (1978), em um de seus passeios pelo campus dessa universidade talvez utópica, mas muito necessária:

Isto é o que me entrou pelos olhos naquela tarde, percorrendo o *campus* da UnB. Percebi ali, claramente, que a verdadeira Universidade de Brasília é a utopia concreta que subsiste calada entre seus muros no espírito dos estudantes e dos professores que guardam fidelidade ao seu espírito; mas é, também, a universidade excludente, que vive onde sobrevive os que a conceberam; e é, sobretudo, a que ressurgirá em quantos, amanhã, hão de reencarná-la em liberdade e dignidade (Ribeiro, 1978, p. 46).

Referências

- Carvalho, V. (1999-2000). *Barra 68: sem perder a ternura*. Documentário. Rumos Cinema e Vídeo.
- Fonseca, L. F.; Villar, J. L. & Weller, W. (Org.) (2018). *FE 50 anos – 1966-2016: Memória e registros da história da faculdade de Educação da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora UnB.
- Fundação Darcy Ribeiro. Darcy Ribeiro. *Reading Online*. Recuperat de: <http://www.fundar.org.br/darcy-ribeiro> [accés: 18.09.2019]
- Gomes, C. A. (2010). *Darcy Ribeiro*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana (Coleção educadores MEC).

- Grupioni, L. D. B. & Grupioni, M. D. J. (1997). Entrevista com Darcy. *Revista Horizontes Antropológicos*, 3 (7), 158-200.
- Heymann, L. Q. (2012). O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro. 19 (1), 261-282.
- Hobsbawm, E (2018). *¡Viva la revolución! Sobre América Latina*. Barcelona: Editorial Crítica.
- Llei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961*. Recuperado de https://noticias.unb.br/images/Noticias/2017/Documentos/lei_3998-61_criacao_fub.pdf Acesso em 14 de julho de 2021.
- Ministério da Educação (2019). Future-se. *Reading Online*. Retirado a: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52641> [acces 03.01.2020].
- Niemeyer, O. *Les corbes del temps. Memòries*. Barcelona: COAC, 1999.
- Plano Orientador da Universidade de Brasília (1962). Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília. Não paginado.
- Ribeiro, D. (1969). *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ribeiro, D. (1978) *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir.
- Ribeiro, D. (1979). *Sobre o óbvio: ensaios insólitos*. (1ª ed. digital). São Paulo: Editora Global, 2016a.
- Ribeiro, D. (1995) *Carta: falas, reflexões, memórias. A invenção da Universidade de Brasília*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal.
- Ribeiro, D. (1995). *O Brasil como problema* (1ª ed. digital). São Paulo: Editora Global, 2016.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil* (1ª edição digital). São Paulo: Editora Global, 2014.
- Ribeiro, D. (2010a). *A América Latina existe?* Coleção Darcy no bolso. Brasília: Editora UnB.
- Ribeiro, D. (2010b) *Golpe e exílio*. Coleção Darcy no bolso. Brasília: Editora UnB.
- Ribeiro, D. (2018). *Darcy Ribeiro: Educação como prioridade* (1ª edição digital). Seleção e organização Lúcia Velloso Maurício. São Paulo: Editora Global.
- Salmeron, R. *A universidade interrompida*. Brasília: Editora UnB, 1999.
- Schwarz, L. M. & Starling, H. M. *Brasil. Una biografía*. Barcelona: Debate, 2016.

Universidade de Brasília. A UnB. *Reading Online*. Recuperado de <http://www.unb.br/a-unb?menu=423>